

A ORIENTAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA À MÃE E ARTICULAÇÕES COM A APRENDIZAGEM DE SEU FILHO: ENFOQUE SOBRE MITOS, ESTILOS COGNITIVO-AFETIVOS E CONTRIBUIÇÕES DA ARTETERAPIA

*Maytê Aché Saad*¹

São Paulo, SP, Brasil²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo elucidar a importância da orientação psicopedagógica às mães, tendo em vista as diferenças e semelhanças entre estilos cognitivo-afetivos e mitos maternos que dificultam ou facilitam os vínculos entre pais e filhos. O foco da pesquisa realizada e analisada na monografia de conclusão do curso de Psicopedagogia (PUC- Barueri) diz respeito, principalmente, à orientação psicopedagógica à mãe, desenvolvida no estágio supervisionado clínico da PUC (Barueri: 2011-2012), estabelecendo relações com as características do filho que recebeu também as orientações psicopedagógicas paralelas. Os fundamentos teóricos baseiam-se nos estudos sobre mitos familiares e pesquisas psicopedagógicas sobre estilos cognitivo-afetivos, ampliados da teoria de Carl Jung. A pesquisa, caracterizada como estudo de caso, apresenta os recursos derivados das contribuições da arteterapia e do lúdico, as análises qualitativas desenvolvidas no estágio supervisionado da PUC e as investigações teóricas para a monografia de conclusão de curso de formação em psicopedagogia.

Palavras-chave: Orientação psicopedagógica à família, Arteterapia, Mitos familiares, Estilos cognitivo-afetivos, Desenvolvimento da aprendizagem.

THE PSYCHOPEDAGOGIC ORIENTATION TO THE MOTHER AND LINKS WITH THE LEARNING OF HER SON: FOCUS ON MYTHS, COGNITIVE-AFFECTIVE STYLES AND ART THERAPY CONTRIBUTIONS

Abstract

This study aims to elucidate the importance of psychopedagogical guidance to mothers, considering the differences and similarities between cognitive-affective

¹ Psicóloga e psicopedagoga

² Orientação e apoio da Dra. Eloisa Quadros Fagali

styles and maternal myths that hinder or facilitate the bonds between parents and children. The focus of the research performed and analyzed in the thesis from the Psychopedagogy postgraduate course (PUC-Barueri) relates primarily to the mother psychopedagogical guidance, developed in the clinical supervised internship at PUC (Barueri: 2011-2012), establishing relationships with the characteristics of the son who also received psychopedagogical parallel orientations. The theoretical foundations are based on studies of family myths and psychopedagogical research on cognitive-affective styles, extended from the theory of Carl Jung. The research characterized as a case study shows resources from the contribution of art therapy and the ludic as well as qualitative analyzes carried out in the supervised internship at PUC and in the theoretical investigations to the thesis from the Psychopedagogy postgraduate course.

Keywords: psychopedagogical orientation to the family, art therapy, family myths, cognitive-affective styles, learning development.

Introdução

O despertar para a temática deste artigo com enfoque na orientação familiar surgiu a partir do meu interesse particular em desvendar de que maneira a família e suas inter-relações influenciam no processo de aprendizagem do sujeito. Ao longo das experiências teóricas e práticas do curso de psicopedagogia, o conhecimento dessa relação me interessou cada vez mais e revelou a importância do trabalho conjunto com a família, de autoconhecimento e de ressignificação das relações, como complementares ao próprio trabalho psicopedagógico com a criança ou o adolescente.

Durante o curso de psicopedagogia, tive a oportunidade de acompanhar, como parte do estágio clínico supervisionado, um adolescente de 13 para 14 anos que apresentava dificuldade de aprendizagem, principalmente relacionada à leitura e à escrita. Este estudava em uma série bem inferior à esperada para idade dele e apresentava questões de comportamento na escola e uma falta de interesse, e até recusa, em fazer as tarefas e aprender no espaço escolar. No decorrer do processo psicopedagógico clínico, ficou claro o quanto aquele espaço seguro era significativo e revelador pra ele, a importância do uso de recursos criativos, lúdicos e artísticos diversos neste processo de criação de sentido e o quanto o contato, o conhecimento e a ressignificação de sua história e das relações familiares permitia um despertar e um transformar da sua própria relação com a aprendizagem. Percebi durante o processo o quanto era fundamental a orientação à mãe deste adolescente,

resgatando-a como parceira educadora que poderia dar significativo apoio ao seu filho. Deste modo, tornou-se evidente a importância de se realizar trabalhos psicopedagógicos com foco na aprendizagem de pais e da família que possibilitem a consciência dos mesmos e o apoio na educação de seus filhos.

O presente artigo busca apresentar, como estudo de caso, a orientação psicopedagógica à mãe do adolescente, sem deixar de considerar as características do mesmo, trabalhadas em um atendimento psicopedagógico paralelo. Para tal, levantei as seguintes questões norteadoras deste trabalho, as quais tentarei desvendar e responder a seguir: quais as influências do mito familiar e das relações vinculares entre pais e filhos sobre o autoconceito e aprendizagem do adolescente? Qual a influência familiar sobre a autoestima e aprendizagem do adolescente, quando se leva em conta as diferenças e pontos de identidades dos estilos cognitivo-afetivos de pais e filhos? Como as expressões simbólicas dos pais e os recursos da arteterapia podem contribuir para as revelações e alterações dos mitos e das dificuldades vinculares?

Assim, elegi como objetivo para este estudo a investigação da influência da dinâmica familiar, com foco no mito materno e nas relações entre estilos cognitivo-afetivos desta mãe e do seu filho, no desenvolvimento do autoconceito e no desempenho na aprendizagem do adolescente. Foram utilizados os recursos das expressões artísticas de contos, ilustrações figurativas, desenhos e poesias, que possibilitaram o diálogo com os mitos maternos e a compreensão das diferentes capacidades associadas aos estilos cognitivo-afetivos. As análises demonstraram o desenvolvimento do autoconceito da mãe e do filho, o fortalecimento do vínculo afetivo mãe-filho e o consequente aprimoramento da aprendizagem do adolescente.

Neste contexto, buscarei compreender o que as expressões simbólicas da mãe e do adolescente no atendimento psicopedagógico, no encontro com recursos da arteterapia, revelam sobre esta inter-relação e de que maneira possibilitam elaborações e transformações dos envolvidos, tendo em vista seus valores familiares e os relacionamentos mãe-filho.

Fundamentos teóricos

As análises se baseiam nas conceituações sobre mito familiar (KROM, 2000) e nas pesquisas e reflexões teóricas sobre estilos cognitivo-afetivos (FAGALI,

2000), fundamentados nos tipos psicológicos (JUNG, 1998). Os recursos metodológicos que facilitam o diálogo e a orientação à mãe inspiraram-se nas contribuições da Arteterapia e Psicopedagogia (CIORNAI & FAGALI, 2004), que possibilitaram a criação de procedimentos para a ampliação da percepção da mãe e de suas expressões em relação aos mitos, narrativas, sua identidade e do filho e avanços na sua relação com o mesmo.

O mito de uma família está relacionado ao seu conteúdo mais abrangente que envolve, organiza e direciona todos os outros conteúdos familiares. É o conjunto de sentidos e valores que dão rumo à vida dos membros da família, que é transmitido e compartilhado pelas gerações e que podem ser encontrados resgatando as histórias da família de origem. Mitos são conteúdos que se entrelaçam, se organizam, determinando forças que dão origem aos sentidos na família, de modo que mitos culturais influenciam a formação de mitos familiares, que influenciam diretamente mitos individuais. O reconhecimento e a identificação dos conteúdos que existem na vida interna da família possibilitam a reconstrução da história familiar e o trabalho com esses conteúdos, de modo que seus membros resgatem seus próprios mitos e reencontrem seu próprio lugar no tempo (KROM, 2000).

É com este olhar que o mito será abordado neste presente trabalho. Quando reconhecido, ele proporciona um novo sentido para a história da família, de modo a gerar uma revalorização e uma ressignificação da mesma e dos relacionamentos, propondo transformações em busca de modos de estar e de se relacionar mais saudáveis.

Além desta exploração do mito familiar e da importância deste resgate e do recontar da história familiar no processo psicopedagógico, outra investigação fundamental é a da dinâmica das relações existentes dentro da família, de acordo com uma abordagem integrativa, na qual “se articulam os desejos, as fantasias, a percepção, a intuição, os sentimentos e as elaborações lógicas dos próprios pais, possibilitando as suas construções, diante desta dinâmica mais integrada, implícita no aprendizado. Analisando as relações, procuramos identificar os tipos de vínculos, presentes e/ou ausentes, e que seriam necessários para a aprendizagem efetivamente ocorrer” (FAGALI, 2001, p.236).

A obra de Carl Jung foi um referencial significativo nas análises sobre os tipos psicológicos e a dinâmica entre inconsciente e consciente, dos quais derivaram as pesquisas psicopedagógicas sobre estilos cognitivo-afetivos (FAGALI, 2000). É necessário, então, detectar e compreender, dentro das próprias relações familiares, como ocorrem as articulações das quatro funções básicas de contato que caracterizam os diferentes tipos psicológicos, de acordo com a teoria de Carl Jung: tipo pensamento que se opõe ao tipo sentimento e tipo sensório perceptivo que se opõe ao tipo intuitivo. Com base nestas diferenciações e em outras capacidades e habilidades do pensamento, a psicopedagoga Eloisa Fagali aprofunda e desdobra as características associadas aos aspectos cognitivos, ampliando estes perfis que a autora denomina de estilos cognitivo-afetivos. Em suas pesquisas psicopedagógicas desenvolvidas nos últimos 10 anos, Fagali considera estilos, não como uma classificação tipológica, mas do ponto de vista fenomenológico, como um “jeito singular” da pessoa prestar atenção, elaborar os conceitos, memorizar, raciocinar e se expressar criativamente, lidando de formas diferentes com as emoções, interesses e defesas e apresentando uma forma particular de aprender que a diferencia dos demais. Segundo essas concepções, é possível valorizar e desenvolver a autoestima, respeitando a singularidade de cada pessoa, nas formas de aprender e de se expressar. A partir de indicadores que revelam estilos cognitivo-afetivos diferentes, podemos fazer intervenções psicopedagógicas mais apropriadas, respeitando as diferenças na forma de aprender, pensar e expressar dos aprendizes, crianças e adolescentes e dos pais, que podem rejeitar ou valorizar seus filhos, em função dos seus próprios estilos.

É, portanto, de grande importância considerar as relações vinculares e os processos transferências que podem ocorrer, tanto nas relações professores e alunos, como nas de pais e filhos. As relações vinculares tendem a se tornarem mais difíceis quando pais e filhos apresentam estilos cognitivo-afetivos com diferenças contrastantes, que requerem a consciência sobre a valorização do que é diferente e que é geralmente rejeitado. Os estilos cognitivo-afetivos, até o momento, se diferenciam como: estilo empático-subjetivo com foco no sentimento, que se opõe ao estilo racional com foco no pensamento lógico e estilo concreto sensorial perceptivo, oposto ao estilo imaginário intuitivo. Uma pessoa pode apresentar maior tendência à comunicação com movimento extrovertido ou ao distanciamento do

outro, com movimento mais introspectivo, introvertido. Cada sujeito tem uma característica própria predominante mas com complementações daquelas outras, que não se colocam como opostas e, sim, auxiliares, segundo as explicações de Carl Jung sobre a psicodinâmica da personalidade.

Os recursos da arteterapia, por sua vez, são abordados, neste presente estudo, como valiosos instrumentos para ampliar as possibilidades do sujeito de aprender e de se desenvolver, permitindo que crianças, adolescentes e adultos (mães) desvendem suas potencialidades, ampliem seus repertórios, transformando e ressignificando suas relações, suas vivências e seus bloqueios. A arteterapia, segundo Selma Giornai (2000) é “o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos, por meio de mediações que facilitam a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças”.

A arteterapia apresenta como eixo as atividades plásticas e os recursos visuais figurativos, desenhos e construções tridimensionais, sem deixar de abrir espaço para as expressões literárias, narrativas e musicais.

Fagali, ao aprofundar-se nas possibilidades de se lidar com a arteterapia nas orientações psicopedagógicas, ressalta:

Percebo o quanto a aprendizagem - do nível básico ao superior -, mobilizada pelas diferentes expressões artísticas, amplia as condições para o indivíduo se criar como pessoa, aprendiz, cidadão, profissional. São condições para o aprender que possibilitam a atuação criativa de todos os envolvidos nessa experiência, integrando emoções e conhecimentos em uma cultura com uma modalidade de aprender e de ensinar predominantemente rígida, dura, ascética, “sisuda” e única. (Fagali, 2005, p.24).

Alguns dos procedimentos associados aos contos, narrativas e imagens figurativas foram adotados na presente pesquisa.

Apresentação do caso

Para contextualizar a orientação psicopedagógica à mãe, faz-se necessário introduzir alguns aspectos relativos ao filho, o adolescente que recebeu o acompanhamento psicopedagógico inicialmente e depois prosseguiu o trabalho, paralelo à orientação à mãe.

Características e avaliação do trabalho psicopedagógico do filho adolescente

Durante todo o ano de 2011, o adolescente de 13 anos, “J”, foi acompanhado por mim como psicopedagoga, a partir de uma queixa da família, complementada pela escola, sobre suas dificuldades de aprendizagem, principalmente relacionadas à leitura e à escrita. “J” encontrava-se bem “atrasado” em relação à turma da classe (quarto ano), todos bem mais novos do que ele. Apresentava desinteresse em aprender o que era solicitado na escola e problemas comportamentais em sala de aula, relacionados à provocações sobre a professora e os colegas. Não fazia as tarefas e demonstrava muitas resistências para assimilar os conteúdos escolares e para estar presente e envolvido no ambiente de aprendizagem em sala de aula.

Em relação ao diagnóstico de “J”, sobre estilos cognitivo-afetivos, um dos focos da presente pesquisa, levantou-se a hipótese de que esse apresentava características próprias do “estilo cognitivo-afetivo sensório-perceptivo-concreto”, com atitude introvertida. Essas características foram observadas nas leituras e na linguagem oral e escrita, nas quais era evidente a tendência a descrever os fatos, objetos e personagens, fixando-se nos detalhes e nas ações dos mesmos. Quando lhe era solicitado que imaginasse ou criasse sobre o que sentia, ficava preso ao concreto, usando muito pouco a subjetividade ou o vivido (função sentimento) e com pouca fluência criativa associada ao poder de imaginar, intuir e criar. Tanto para escrever quanto para desenhar sobre o que gostava ou o que imaginava, diante de qualquer estímulo, precisava de apoio de modelos concretos e procurava buscar a compreensão conceitual mais abstrata por meio de experimentações ou manipulação concreta dos objetos. Se não tivesse estas referências de modelos e experimentações, próprias do pensamento concreto, ele demonstrava ficar perdido e paralisado na aprendizagem, sem mostrar possibilidades de elaborações mais abstratas e imaginárias.

No decorrer do processo de aprendizagem, abri espaço para que ele elaborasse os conceitos, respeitando o seu estilo sensório-perceptivo, por meio das estimulações de situações e experiências, nas quais a vivência do concreto, do fazer e do agir e a exploração do observado e das descrições pudessem gradativamente ser associadas às avaliações subjetivas, à criação com imagens e à abstração dos conceitos, necessários para o seu desenvolvimento cognitivo.

É importante destacar que este processo de atendimento clínico revelou resultados relevantes e elucidativos para o desenvolvimento cognitivo-afetivo de “J”, com consequências positivas em sua aprendizagem.

Percebi que o vínculo que estabeleci com o cliente foi positivo e suficiente para que o processo de aprendizagem fluísse, atenuando assim suas resistências diante das tarefas. “J” se sentia seguro naquele espaço de aprendizagem (contexto clínico), em que se reconhecia aceito, acolhido, olhado e com possibilidade de se expressar e de ser valorizado nas suas maneiras de conhecer, aprender e desenvolver a comunicação não verbal e verbal. Raramente faltava ou chegava atrasado e mostrava-se interessado e disposto a fazer as tarefas frente às propostas psicopedagógicas, principalmente quando eram utilizados recursos da arteterapia, relacionados à criação por meio de desenhos, argilas, construções de imagens, entre outras técnicas.

Vale destacar que “J” passou grande parte de sua infância longe da mãe, do padrasto e das irmãs, ficando aos cuidados da avó. Diante das dificuldades de sustentação da avó, “J” voltou para companhia de sua mãe em São Paulo. Encontrou, no entanto, dificuldades de achar seu lugar na família, permanecendo quieto e distante.

A partir da chegada de “J”, a mãe disse ter buscado uma aproximação com seu filho, até o momento distante pelo contato maior com a avó, tentando integrá-lo à dinâmica familiar, de forma que fosse visto como igual às outras irmãs. Apesar dessas tentativas, ela não conseguiu sucesso e se via sem recursos para tal.

Foi, com essas queixas, que revelavam as condições de distanciamentos da família nuclear e da escola, que “J” veio para o atendimento psicopedagógico clínico. O que se destacava como mais forte e que influenciava na aprendizagem deste cliente, mais do que incapacidades cognitivas específicas, era esta situação, que se configurava da seguinte forma: de um lado, a família sem saber como recebê-lo e acompanhar seu processo de aprendizagem e, do outro lado, a escola observando e avaliando-o como um aluno desinteressado e com mau comportamento, necessitando de uma orientação sobre seu problema. Portanto, justificava-se a necessidade premente de compreender as percepções e os sentimentos de “J” em relação à família, sem deixar de fazer as avaliações psicopedagógicas específicas, em relação às suas capacidades cognitivas e sua

dinâmica psíquica, para dar apoio afetivo e possibilitar o seu desenvolvimento cognitivo, no acompanhamento psicopedagógico clínico, com orientações à mãe e à escola.

Mesmo com os primeiros avanços no desenvolvimento cognitivo, necessários para sua aprendizagem, foi avaliada a necessidade de continuar com o trabalho psicopedagógico clínico a partir do que foi conquistado, para se perceber e consolidar melhor seus avanços iniciais.

Consideramos que era necessário desenvolver, paralelamente, uma orientação aos pais, principalmente à mãe, com o objetivo de acolhê-la e conscientizá-la sobre a função materna e essas retomadas vinculares com seu filho. Esta orientação complementar daria maior suporte ao acompanhamento psicopedagógico do filho, no diálogo com a mãe em relação a sua função familiar, seus mitos e percepções sobre o papel de mãe e as possibilidades de fortalecimento dos vínculos com seu filho .

Qualquer alteração no processo de aprendizagem da criança exige, também dos pais, uma maior consciência e determinação para enfrentar as dificuldades. Porém, muitas vezes, é extremamente difícil para eles romperem modelos antigos. Neste momento, é importante a atuação de um profissional (psicólogo, psicopedagogo ou outro) que, favorecendo um processo de resgate e reconhecimento do mito familiar, acabe ampliando as condições de crescimento da família (FAGALI, 2001, p.234).

Orientação à mãe

Vale destacar que esse contato mais intenso e profundo com a mãe, sinalizada como “S”, foi fundamental para novas revelações e compreensões sobre o desenvolvimento cognitivo-afetivo e a aprendizagem de “J”. Contato este que promoveu escutas e ampliações da percepção dela enquanto pessoa e na sua função de mãe, ao narrar sua história familiar, identificar os mitos associados a valores que estão presentes na sua história e diferenciar os estilos cognitivo-afetivos que entravam em jogo nessas relações mãe e filho, compreendendo as transferências inconscientes que ocorriam entre os dois.

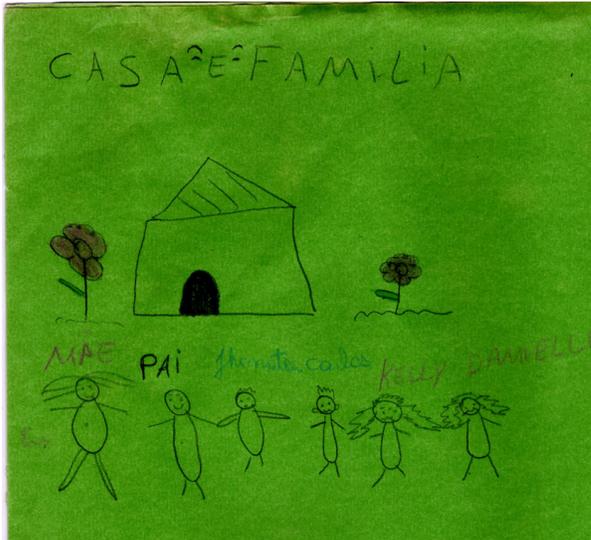
Nos finais dos diálogos que mantive com “S”, esta já expressava criativamente, até de forma poética, o que já via de alteração nas suas percepções em relação a si mesma e ao filho, com muito entusiasmo sobre as aproximações positivas que conquistara com o mesmo.

As atividades elencadas a seguir foram as principais mobilizadoras de diálogos: o recontar de sua história de vida (resgate da família e de sua criança interna); exercício de auto-percepção e introspecção: resgate dos gostos e qualidades; escolhas e elaborações em cima de imagens: como vejo meu filho; sensibilização e desenho: resgate da mãe ideal e aproximações com a mãe real; trabalho com imagens e contos, os quais possibilitaram novas compreensões e alterações de suas percepções e dos mitos que mantinha sobre ser mãe e o filho; criação de histórias com auxílio de figuras; relacionamento com a família na sua infância, atualmente com filhos e marido, e no futuro.

A partir de propostas como essas, que investiam em recursos criativos e artísticos, pôde-se observar uma transformação das percepções de “S”, em relação a si mesma, ao seu filho e a seu processo de aprendizagem. A sua verbalização após a escolha da figura de um menino lançando uma flecha, para representar como via o seu filho, demonstra esta transformação da percepção em relação ao seu filho e de sua relação com o mesmo no processo: *“A flecha mostra ele na defensiva, recuado, não se abria muito. Era como se não fosse da mesma família e se sentisse excluído. Agora acho que isso mudou. O que gosto nessa figura é que mostra que ‘J’ é um guerreiro e mudou esse quadro. A flecha agora serve pra defender alguém, ou eu, ou as irmãs, ou alguém de fora”*.

A produção de um desenho pela mãe, anexado a seguir, apresentou-se como uma atividade rica de expressão e que possibilitou uma série de mobilizações pela mesma. Para que resgatássemos na sua história de vida o seu mito de mãe, propus uma atividade de sensibilização, seguida da sua expressão em desenho, na qual era-lhe sugerido que entrasse em contato com a imagem que tem de mãe, a sua mãe ideal. A partir de suas reflexões e ampliações pelos recursos verbais, fiz com que ela percebesse que este exercício possibilitava uma aproximação entre as imagens que ela tem da mãe ideal (mito de mãe) e da mãe real, integrando-as e construindo novos significados ao papel de mãe vivenciado, trabalhando assim, o contra-mito, outro modelo de mãe. O reconhecimento das imagens, de suas diferenças e de suas possibilidades é essencial para a ressignificação das relações do sujeito e para a construção de vínculos mais saudáveis com os outros. As ressignificações nas suas formas de se perceber enquanto mãe podiam ser percebidas em falas como esta: *“A mãe aparece em primeiro lugar, é ela quem*

passa e enfrenta tudo. É a mãe quem cuida, mas também não pode cuidar tanto. Não me cuido, não consigo ler, deitar e descansar. Sou explosiva. Preciso ter mais paciência, sabedoria, suportar mais e conseguir conciliar tudo isso com a família. Sei que preciso da mudança agora, que meus filhos estão crescendo e vão começar a fazer suas escolhas”.



O trabalho com um poema produzido por “S” foi outro recurso utilizado no decorrer do seu processo de orientação psicopedagógica, o qual possibilitou novas e reveladoras elaborações, trazendo para o verbal o que ela compreendeu intuitivamente com associações de imagens. O conteúdo que a mobilizou mais fortemente foi o que ela podia ter feito e não fez, mostrando seu investimento no seu processo de transformação e de criação de relações mais saudáveis e verdadeiras, nas quais poderia amar e ser amada, se arriscar e viver plenamente.

Análises sobre as diferenças e pontos comuns dos estilos de mãe e de filho e avaliações do processo de orientação

No diálogo alternado por escutas e elaborações junto à mãe, fui trabalhando o mito familiar existente e as dinâmicas relacionais entre os membros da família. Observava os mecanismos transferenciais inconscientes na dinâmica relacional entre mãe e filho. Nos diálogos com “S”, esta descobriu e expressou *“como sua falta de paciência, de carinho e de conversa, repetia o padrão de relacionamento da sua mãe com ela, enquanto filha”*. Percebia, após nossas elaborações, a dinâmica que ocorria em relação à aceitação e rejeição dela e do filho. Comentava como o filho

também reagia com as mesmas resistências, com movimentos de distanciamentos, diante do padrão de resistência que ela mesma reproduzia da sua mãe.

Conversamos, no constante diálogo, o quanto o mesmo conflito familiar sobre o relacionamento se estabeleceu e se repetiu durante diferentes gerações e que se caracterizava pelo movimento de distanciamento, dificuldade de comunicação e agressividade. Percebi, no diálogo com esta mãe, o quanto foi importante valorizar seu estilo cognitivo-afetivo e elaborar em conjunto as possibilidades de aceitar e criar vínculos positivos dela consigo própria e com seu filho.

Avaliamos que a partir de alguns encontros, ela já começava a perceber-se com capacidades para transformar, para chegar ao que desejava: “aproximar e manter um vínculo afetivo positivo com seu filho”.

O processo de “S” revelava que o diálogo facilitador entre eu, enquanto psicopedagoga, e ela, mediado pelas imagens figurativas, narrativas e visualizações, proporcionava novas integrações das experiências passadas e presentes e transformações que “S” desejava no contato consigo mesma e com o outro, principalmente com seu filho.

Neste espaço de diálogos cliente-terapeuta, emergiam novas possibilidades de libertação desta mãe, que sentia que as relações entre ela e o filho estavam diferentes e mais saudáveis que as anteriores, principalmente por ela se sentir agora mais segura, acolhida e valorizada nos contatos que mantinha comigo como terapeuta. Libertava-se de situações e sentimentos paralisadores do seu passado, a partir de um movimento de ressignificação dos mesmos, de forma que foi alterando o seu olhar sobre sua história e criando novas percepções sobre sua trajetória, sobre si mesma e o filho. Olhar este, que reconhecia o passado, sem ser dominada ou aprisionada por ele, além de perceber e experienciar, sob um ângulo diferente, seu papel de mãe e os contatos positivos que ocorriam no presente com seu filho, gerando aberturas criativas e novas perspectivas futuras de continuidade de vínculos e apoios mútuos.

A partir do acompanhamento do processo de orientação psicopedagógica da mãe “S”, foi possível criar a hipótese de que ela apresentava características próprias do estilo cognitivo-afetivo sentimento, tendo em vista a subjetividade excessiva, com grande autocrítica, projeções das emoções e sentimentos no outro, com relatos e apreensões de mundo sempre relacionados às suas vivências, carregadas de

emoções e julgamentos. Tinha como referência a dinâmica afetiva excessivamente negativa que vivenciou, retornando excessivamente ao passado e explicava e avaliava com facilidade, mas com uma carga emocional que impossibilitava as diferenciações em relação a si própria e ao outro.

Em relação à atitude que acompanhava esta função superior sentimento, de acordo com as diferenciações propostas por Jung, a hipótese que se coloca é a de uma atitude extrovertida. Parece que faltaram oportunidades para que ela pudesse ter a escuta e diálogos necessários que possibilitassem que essa grande capacidade avaliativa, com enfoque na subjetividade, gerasse introspecção e diferenciações dos sentimentos e sensações. Por meio das atividades propostas, nas quais era solicitado o resgate da auto-percepção, intercaladas com diálogos sobre sentimentos e reconhecimento de imagens, essa mãe foi evoluindo na sua capacidade introspectiva e de elaboração, em busca das diferenciações dos sentimentos e dos desejos. Liberou suas expressões criativas verbais apresentadas nas construções de histórias e poesias.

A partir das observações e hipóteses, levantadas nos diálogos constantes que ocorriam nas supervisões, constatamos que os estilos cognitivo-afetivos da mãe e do filho não eram idênticos e nem polarizados, uma vez que ela mostrava ter características do estilo sentimento (função superior sentimento com auxiliar predominantemente intuitivo), enquanto seu filho se revelava com estilo cognitivo-afetivo sensório-perceptivo, porém com um bom desenvolvimento da função sentimento (função auxiliar), fortemente desenvolvido na mãe. Este fator de identidade de uma função superior da mãe com a função auxiliar do filho facilitou a aproximação ou uma transferência positiva em relação às funções sentimento de ambos. Em outras palavras, a busca de maior aproximação para estabelecimento do vínculo positivo entre mãe-filho era mais possível no encontro de funções auxiliares do filho com a superior da mãe (ambos com qualidade sentimento).

Por outro lado, o encontro mostrava-se mais difícil quando se confrontavam as oposições relativas à função superior do filho (perceptivo-concreto) com uma auxiliar muito forte da mãe (intuição), gerando transferências negativas ou mútua rejeição. É fundamental, nas orientações aos pais e, mesmo às crianças e adolescentes, estarmos atentos às dinâmicas possíveis entre esses estilos na relação familiar, considerando não só a função superior dos membros de uma

família, mas também, as funções auxiliares, que aproximam, apoiam e compensam a função predominante, exercendo assim, certo poder e flexibilidade na forma do sujeito se vincular ao outro, que apresenta suas singularidades e diferenças marcantes. Não podemos deixar de lado, no entanto, os confrontos de oposições, que geram, às vezes, rejeições entre a função inferior de um em relação à auxiliar e superior de outro, aspecto que precisa ser diferenciado nas orientações, dando ênfase aos valores e capacidades dessas diferenças, que se complementam, apesar de gerar incômodo e rejeições.

Considerações finais

“Quanto menos os pais aceitam seus próprios problemas, tanto mais os filhos sofrerão pela vida não vivida de seus pais e tanto mais serão forçados a realizar tudo quanto os pais reprimiram no inconsciente”

Carl Gustav Jung

Neste presente trabalho, ao articular a investigação teórica aprofundada com a análise do estudo de caso apresentado, foi possível caminhar consideravelmente em direção à compreensão da influência do mito familiar e das dinâmicas entre os estilos cognitivo-afetivos no processo de desenvolvimento do autoconceito e nas facilitações da aprendizagem do filho e da mãe.

O mito familiar, enquanto sentido organizador, exerce grande poder sobre os comportamentos e relacionamentos dos membros de uma família, inclusive na relação com a aprendizagem. Portanto, o conhecimento desses mitos e de sua forma de funcionar é essencial, se quisermos compreender o processo de desenvolvimento do sujeito e obter transformações do que está estagnado na história passada e no presente, em relação às relações maternas e percepções de filhos e mães que influenciam no desenvolvimento afetivo das pessoas e na sua aprendizagem. Para tal, torna-se necessário um resgate da história familiar e um trabalho de reelaboração e ressignificação das vivências e dos mitos, por meio da orientação à família e, aos pais, em particular.

Em relação aos estilos cognitivo-afetivos, evidenciamos como o olhar e a valorização destas diferenças na forma de se expressar, pensar e aprender são importantes para o desenvolvimento do sujeito aprendiz, seja mãe e seu filho, seja o

aprendiz aluno ou cliente, seja educador e terapeuta. O respeito às diferenças possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento das relações interpessoais. É importante ressaltar que investigar as dinâmicas entre estes estilos na família permitirá a compreensão possível sobre as rejeições ou valorizações dos filhos, em função das diferenças ou identidades entre os próprios estilos dos pais e de seus filhos. Estas dinâmicas podem gerar transferências negativas ou positivas, que podem prejudicar ou favorecer o desenvolvimento cognitivo-afetivo e a aprendizagem de crianças ou adolescentes.

Ao analisar os recursos da arteterapia usados nas atividades para a orientação psicopedagógica às mães, foi possível compreender o valor dessas mediações associadas ao trabalho psicopedagógico, possibilitando ao sujeito reconhecer e reconstruir seus mitos familiares, ampliar seus recursos e possibilidades relacionadas aos estilos cognitivo-afetivos e desenvolver uma relação mais saudável com a aprendizagem, a partir de um conhecimento mais pleno de si e de seus potenciais.

Portanto, partindo destas constatações, considero fundamental ressaltar a importância de um trabalho psicopedagógico voltado à família, paralelo ao acompanhamento psicopedagógico do filho, com a proposta de facilitar o processo de aprendizagem do mesmo. Esse é exatamente o diferencial deste presente estudo, ao abordar o enfoque psicopedagógico de orientação à mãe, tendo como principal objetivo o desenvolvimento do aprendizado do papel ou função de mãe, que auxilia e fortalece o processo psicopedagógico do filho.

É importante salientar que este processo de orientação psicopedagógica com a família não é um trabalho psicoterápico. Refere-se a uma orientação para o desenvolvimento da função materna ou paterna, cuidando e conscientizando a pessoa como um todo, sua história, seus mitos, suas dificuldades e capacidades. Neste processo, o psicopedagogo precisa estar atento para que desenvolva suas orientações dentro dos limites de sua área de atuação, com enfoque na aprendizagem das pessoas, em diferentes contextos de ação e no seu desenvolvimento cognitivo-afetivo, cuidando do “cliente-mãe-mulher” em direção ao reconhecimento de suas capacidades, como sujeito autoconfiante e capaz de criar e transformar o que deseja e percebe como necessidades de mudanças.

Outro ponto relevante que gostaria de ressaltar, refere-se à importância e necessidade de uma formação continuada do psicopedagogo, com supervisões e projetos voltados para a orientação e aprendizagem familiar. Considero o valor deste trabalho como mobilizador para continuidades de pesquisas e práticas com este enfoque psicopedagógico, ao demonstrar e oferecer contribuições sobre reflexões teórico-práticas de orientação psicopedagógica à mãe, mostrando a importância do olhar e do trabalho com a família e suas influências na aprendizagem da mãe e do filho, que apresenta dificuldades “cognitiva-afetivas” de aprendizagem.

Referências

ABRAMS, Jeremias. **O reencontro da criança interior**. São Paulo: Cultrix, 1999.

ANDREWS, Samuels e outros. **Dicionário Crítico de Análise Junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

BORDIGNON, Dolores M. B. **As conexões da não-aprendizagem com a família**. In: Portella, Fabiani O. & Franceschini, Ingrid S. (org). *Família e aprendizagem – uma relação necessária*. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011. p. 37-47.

CASSIER, E. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em arteterapia: ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte**. São Paulo: Summus, 2004.

FAGALI, Eloisa Q. **Caderno Integração- InterAção – Fundamentos da Psicanálise para a Psicopedagogia**. São Paulo, 2001.

FAGALI, Eloisa Q. (Org.). **Múltiplas faces do aprender: novos paradigmas da pós modernidade**. 1. ed. São Paulo: Editora Unidas LTDA, 2001.

FAGALI, Eloisa Q. **O diálogo com a família: a família sob o enfoque psicopedagógico.** In Fagali, Eloisa Q. (org). *Múltiplas faces do aprender: novos paradigmas da pós-modernidade.* São Paulo: Ed. Unidas LTDA, 2001. Livro esgotado e reeditado em 2013 pela Editora Wak com o título *Diferentes sentidos do terapêutico e da aprendizagem: enfoques psico-sócio-educacional e pedagógico.*

FAGALI, Eloisa Q. **Integrando trabalhos práticos e linguagens expressivas.** In: Ciornai, Selma (org). *Percursos em Arteterapia.* São Paulo: Summus, 2004.

FAGALI, Eloisa Quadros. **Encontros entre arteterapia e psicopedagogia: a relação dialógica terapeuta e cliente, educador e aprendiz.** In: Ciornai, Selma (Org.). *Percursos em Arteterapia.* 1 ed. S. Paulo: Summus editorial, 2005, v. 3.p. 17-64.

FAGALI, Eloisa Q. e equipe interdisciplinar. **Cadernos Integração-InterAção – Diagnóstico e intervenções psicopedagógicas.** São Paulo, 2010.

JUNG, Carl G. **Desenvolvimento da personalidade.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

JUNG, Carl G. **Fundamentos da Psicologia Analítica.** 10 ed, Petrópolis: Vozes, 2001.

KROM, Marilene. **Família e mitos – Prevenção e terapia: resgatando histórias.** São Paulo: Summus, 2000.

MELLO, Cátia O. **A família como espaço de aprendizagem: O ponto de vista do atendimento individual.**In: Portella, Fabiani O. &Franceschini, Ingrid S. (org). *Família e aprendizagem – uma relação necessária.* 3 ed. Rio de janeiro: Wak, 2011. p. 49-57.

POLITY, Suzanne. **Recontar é viver: Resgatando a história de vida e a auto-estima de crianças com dificuldades de aprendizagem.** São Paulo, 2008. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Curso de Especialização em Psicopedagogia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientadora: ProfªDrª Eloisa Quadros Fagali.

RILEY, Shirley. **Arteterapia para famílias**. São Paulo: Summus, 1998.

TAVARES, Paula V. A. **Entre formas e cores: Contribuições da Arte na Clínica Psicopedagógica**. São Paulo, 2012. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Curso de Especialização em Psicopedagogia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientadora: Prof^aDr^a Eloisa Quadros Fagali.